

COMPORTAMENTO HUMANO

Por: *Dr. José Carlos F. Diniz Gama*

www.inic.com.br

contato@inic.com.br

Interagindo com o pensamento de R. D. Laing durante suas conversas com Fritjof Capra conforme aparece na obra deste autor; *Sabedoria Incomum*, uma dúvida altamente coerente surge ao pensamento. Muita coisa que convencionalmente nos é apresentada como loucura, é na verdade uma atitude saudável, porém, inconveniente às posturas do condicionamento e dogmatismo do pensamento dominante, conduzindo logicamente apenas a uma caracterização nosológica.

Segundo Laing os sintomas da esquizofrenia são na realidade, estratégias especiais que as pessoas inventam para poderem sobreviver em situações insuportáveis e ele reconhece na loucura uma reação sadia a um ambiente social insano.

Este conceito de Laing é altamente perturbador e incomodou demais aos rígidos padrões dominantes da década de 60, e foi colocado na contra cultura da época, e até hoje, pouco conhecido por não ser útil ao dogmatismo reducionista ainda dominador.

Ao lado desta visão salutar de uma situação ainda considerada apenas como doença temos o conceito de imbecilidade expresso por Jean-Yves Leloup: *A inteligência bloqueada pelo que se sabe o coração limitado pelo que se ama, a fé bloqueada pelo que se crê*. Este conceito de Leloup pode ser aceito por todos reducionistas, pois eles podem interpretar o bloqueio circunscrevendo uma pequena quantidade, o que caracteriza um imbecil sem a menor dúvida, convencionalmente falando. Mas Leloup não está se referindo à quantidade bloqueada, mas sim à presença do bloqueio.

Centrando o pensamento na presença do bloqueio façamos uma comparação com uma observação de Thomas S. Kuhn:

Aqueles que trabalharam de modo frutífero com as velhas idéias estão emocionalmente e por hábito ligados a elas. Normalmente levam para o túmulo sua fé inabalável. Mesmo quando confrontados com numerosas demonstrações irrefutáveis, aferram-se teimosamente ao que está errado, mas lhes é familiar.

Esta observação de Kuhn, comparada com o conceito de Leloup, levamos logicamente à conclusão que o pensamento do mandarinato científico ainda dominador é imbecil.

A palavra imbecil pode parecer pesada para uma conclusão, mas, infelizmente esta afirmação, é apenas uma dúvida concluída pelo raciocínio lógico convencional.

Frente a estas dúvidas coerentes podemos ampliar nosso pensamento em busca de um melhor entendimento da realidade.

Partindo da idéia de Laing, afirmando que o esquizofrênico é uma pessoa com atitudes saudáveis para sobreviver a um ambiente social insano, podemos observar a presença de inúmeros gênios consagrados, que só foram gênios por serem esquizofrênicos.

Tomemos por exemplo, um caso que é do conhecimento de todos, e que chegou a ser um filme que recebeu o *Oscar*, *A Mente Brilhante*. John Nash na década de 50, quando iniciava sua carreira universitária foi considerado um doente inconveniente à sociedade pela sua esquizofrenia. Foi internado e tratado drasticamente com choques e ficou afastado da universidade. Após sua suposta recuperação reiniciou sua atividade universitária que terminou com a consagração máxima, o Prêmio Nobel.

Este caso está muito bem definindo que esquizofrênico pode ser e merecer o mesmo que uma pessoa supostamente normal pode.

Frente a estas observações talvez possamos considerar que o comportamento humano é derivado de um dos três modelos básicos: **Esquizofrenia, Imbecilidade e Normalidade**.

A esquizofrenia poderia apresentar-se sob três formas: A forma clássica, como um quadro nosológico, e que é considerado nosológico porque suas atitudes salutar são inconvenientes à sociedade. Por exemplo, sua atitude salutar pode ser uma reação de defesa que se manifesta por uma agressividade e que pode ser perigosa para os outros. Nessa situação o esquizofrênico é mais considerado como um perigo social, e é tratado psiquiatricamente como tal, quando deveria ser cuidado adequadamente por uma interação médica paciente mais profunda, procurando restaurar um padrão de auto-organização mais eficiente.

Não cabe no momento discutirmos como tratar, mas, ressaltar que apenas a aplicação das técnicas psiquiátricas ou psicoterapêuticas, sem uma interação humana mais profunda, será sempre inútil ao paciente.

A segunda forma de apresentação, é quando a atitude salutar é altamente significativa ao poder dominante, ou de extraordinário valor humano.

No caso de John Nash, além do valor humano de sua idéia, talvez, o prêmio Nobel tenha sido pelo alto valor ao poder econômico. Aqui o tema pode ser bastante debatido, mas sem significado às nossas observações do momento.

A terceira forma de apresentação da esquizofrenia, talvez seja mais perigosa que a primeira, porém sem o perigo de vida ou morte. É quando a atitude salutar busca um posicionamento para sobrevivência. Nesta situação, ele consegue uma abertura no bloqueio do saber de imbecis, e com isto formam-se seguidores que se sentem protegidos pelo bloqueio do saber e da fé e transformam-se em fanáticos idealistas. Esta situação, sem necessidade de dar exemplos, pode ser observada na proliferação de religiões, certas teorias científicas e alguns pensamentos filosóficos.

O segundo modelo básico de comportamento, a **imbecilidade**, não tem autonomia. O fechamento de seu conhecimento, de seu amor e de sua fé, ocorre pela necessidade básica de proteção, como nos ensinou Maslow, que ocorre em todo o ser vivo, e também no ser humano. O imbecil é um simbiote do esquizofrênico do terceiro tipo e se compararmos com a observação de Kuhn, eles levarão para o túmulo sua fé inabalável.

A **Normalidade** pode considerar como um terceiro tipo de comportamento, que não é esquizofrênico nem imbecil, e também não se enquadra nos quadros nosológicos convencionais. Difícil definir o que seja normal, porém, possível de compreender como uma situação perigosa. Em primeiro lugar porque pode ser uma vítima fácil a um esquizofrênico do terceiro tipo e transformar-se em um

imbecil, em segundo lugar, porque pode entrar em um conflito existencial e desenvolver uma neurose noogênica.

Talvez a normalidade, na grande maioria dos casos, seja de fato uma patologia e que segundo Pierre Weil seria melhor definida como **normose**. Segundo Weil a normose seria: *O conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte. Em outras palavras, é algo patogênico e letal, executado sem que seus autores e atores tenham consciência de sua natureza patológica.*

Resta ao normal, somente a ele, jamais a um esquizofrênico, a um imbecil, ou normótico, viver a situação do **ideal**, aquele que percebe o sentido da vida, o *para que* viver.

Para perceber o *para que* pode não ser fácil, mas é elementar, basta ser apenas *humano*. Para isto precisamos entender que o ser humano é diferente dos demais seres vivos por possuir **liberdade** e **responsabilidade**. Frankl nos mostra isto com muita propriedade.

Procuremos entender o que é **liberdade**. Frequentemente este termo é aplicado aleatoriamente com um sentido equivalente a **soltura** e **independência**, porém estas três situações são totalmente distintas.

Por exemplo: “Libertaram o preso após o juiz ter lavrado o alvará de soltura”. Esta frase está errada porque ninguém liberta ninguém, o preso foi solto pelo alvará de soltura. Soltura foi o que na realidade o juiz concedeu, isto é, deu-lhe o direito biológico natural de interagir com a natureza e a sociedade. Concedeu-lhe o mesmo direito que tem todos os animais na floresta, onde estes estão soltos, não livres.

Independência é outro termo, que se destaca principalmente na área da política. Reparem no nosso Hino da Independência: “*Já raiou a liberdade no horizonte...*” O famoso Grito do Ipiranga nos concedeu a independência de Portugal, jamais a liberdade. A independência é uma situação almejada e de direito, porém a independência absoluta não existe. Por exemplo: Não somos independentes nem para tomar um banho. Dependemos que alguém nos fabrique o sabonete. Para escrever este pensamento dependo de um computador, há vinte anos atrás dependeria de uma máquina de datilografia, há cem anos dependeria de um fabricante de penas. Devemos sim procurar sermos independentes do que é possível ser.

Liberdade é um tema altamente complexo. Erich Fromm escreveu uma obra extraordinária: *Medo à Liberdade*. Para aqueles que leram esta obra comparem aos argumentos acima apresentados. Pelo medo à liberdade tenta-se buscar o poder, porém este é um grupo para poucos, é para esquizofrênicos geneticamente constituídos e para alguns imbecis privilegiados e espertos que compõem o grupo dos sádicos ou reacionários, segundo Fromm. No pólo oposto, que dá segurança, ainda segundo Fromm, estão os imbecis que acovardados pelo medo à liberdade compõem o grupo dos masoquistas ou revolucionários.

Entre os normais restam ainda os poucos corajosos que superam o medo à liberdade e os que não tem medo dela e acabam se comportando como ingênuos perante o poder dominante. A estes caberá, se for possível, a situação do ser humano **ideal**. Compreendido o que seja **Soltura** e **Independência** vejamos agora como poderemos conceituar **Liberdade**. Partindo dos ensinamentos da Logoterapia de Frankl, dos Dilemas da Psicologia segundo LeShan e da óbvia e marginalizada Teoria do *Bootstrap* do físico Geoffrey Chew, talvez possamos pensar que a **Liberdade é a capacidade que nós temos de procurar novas interações conosco, com os**

outros e com o mundo. E a liberdade não está isolada, ela não tem sentido se não estiver sempre associada à **responsabilidade, que é a capacidade que nós temos de dar a resposta que a liberdade encontra em sua busca.**

Este é o ser humano livre e responsável e somente vivendo com estas características é possível ser feliz. A infelicidade está presente com muita frequência entre muitos, por ser encarada a verdadeira liberdade responsável como dever e não como um direito concedido pela nossa própria natureza. Na época do regime militar, a leitura de uma das cartas que Frei Beto escreveu da prisão, pode ser sentida como uma beleza poética, mas, relendo com muita atenção, é possível perceber a grande beleza de sua afirmação: *“Aqui dentro desta prisão percebi o que é liberdade, não por tê-la perdido, mas por tê-la conquistado”*. Infelizmente, poucos percebem a realidade desta afirmação, onde possivelmente ocorreu sua **LIBERTAÇÃO**.

Frankl por varias vezes disse que os Estados Unidos deveriam colocar na costa leste, uma estátua da Responsabilidade, e assim estaria bem simbolizado o ser humano. Se esta idéia de Frankl fosse concretizada talvez tivéssemos um símbolo altamente orientador, e não deturparia o sentido de liberdade, que na maioria das vezes não passa de pura libertinagem, parece liberdade, mas não é. Por exemplo, as pilhas de livros técnicos, científicos e de auto-ajuda que tratam da liberdade sexual, não aceitam a resposta **não** ao sexo, como ato de liberdade, considera-na uma patologia e querem tratá-la.

Quanta dúvida foi transmitida até aqui. São dúvidas que precisam ser apresentadas para estimular diálogos, ativar a consciência, reformar e aprimorar o pensamento. Apesar de a dúvida predominar, algumas coisas parecem imutáveis, como os conceitos de **Liberdade, Responsabilidade e LIBERTAÇÃO**.

Sobre o Artigo

Todos os direitos autorais reservados.

Sobre a Autor:

Dr. José Carlos F. Diniz Gama

Médico da Faculdade de Medicina de Sorocaba (PUCSP). Doutorado em Patologia, Ex-Professor de Patologia, ex-Professor de Histologia, ex-Professor de Patologia da Faculdade de Medicina de Botucatu (UNESP), ex-Professor de Histologia da Faculdade de Medicina de Marília. Ex-Pesquisador de Patologia da Nutrição pela OPAS na Universidade da Califórnia (Davis). Clínico Geral com especialização em Homeopatia, formação em Logoterapia, membro do GECAF (Grupo de Estudos do CAOS e Fractais - Dpto. De Física, UNESP, Botucatu).